



# Recortes de Imprensa

Setembro 2011

apoio



## Promovido pelo Observatório Sénior de Setúbal Seminário «Envelhecimento Ativo: que caminhos?»

***A realidade existente e a procura de novas soluções para uma velhice salutar estão em debate no seminário “Envelhecimento Ativo: que caminhos?”, que decorre no dia 6, a partir das 09h30, no Auditório Municipal Charlot, em Setúbal.***



O encontro, destinado a toda a população, em particular técnicos da área, estudantes e idosos, é promovido pelo Observatório Sénior, organismo que resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal, a Uniseti - Universidade Sénior de Setúbal e o Instituto Politécnico de Setúbal (IPS).

A sessão de abertura está a cargo de José Rebelo, do Observatório Sénior, e de Armando Pires, presidente do IPS.

O primeiro painel de oradores, moderado por Brissos Lino, do Observatório Sénior, centra-se em “O direito à cidadania” e tem início previsto para as 10h00. Teresa Cadavez, da Provedoria de Justiça, apresenta “Os direitos dos idosos e a participação social”, enquanto Maria de Lurdes Quaresma, da Câmara Municipal de Lisboa, desenvolve o tema “Envelhecer com projeto: o direito à autodeterminação”.

Após o período de debate que se segue a todos os painéis, o seminário é retomado às 11h30 com painel “O papel social do idoso”, moderado por Duarte Machado, em representação da Cruz Vermelha Portuguesa.

Stella António, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica, aborda “O papel do idoso na família” e Alberto Alves, da Uniseti, desenvolve sobre “Voluntariado sénior”.

O seminário é retomado da parte da tarde, às 14h30, com o painel dedicado ao tema “Formas de abuso”, moderado por Sónia Reis, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

“Solidão e exclusão social dos idosos” é o título da intervenção de Ana Bordeira, do Centro Comunitário de S. Sebastião, e “Violência e abandono nos mais velhos” o da apresentação de Vanda Simão, do Centro Hospitalar de Setúbal.

O último painel de oradores é dedicado a “Respostas de sucesso”, sendo moderadora Conceição Loureiro, da Câmara Municipal de Setúbal.

Luís Jacob, da RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade, desenvolve sobre “A universidade sénior enquanto resposta social”, seguindo-se Maria Dolores de Matos, da FIAR - Centro de Artes de Rua de Palmela, que explora o tema “A cultura nos seniores - Grupo de Teatro ‘As Avozinhas’”. Assunção Jácome, da autarquia sadina, termina o último painel com a intervenção intitulada “Idosos em movimento - Desportivamente em (Re)Forma”.

A sessão de encerramento está a cargo da presidente da Câmara de Setúbal, Maria das Dores Meira, e de Brissos Lino, enquanto reitor da Uniseti.



## notícias

[início](#) > [Atividade Municipal](#) > [Inclusão](#) > notícias

Seniores 30 de Agosto de 2011

### *Encontro debate velhice ativa*



A realidade existente e a procura de novas soluções para uma velhice salutar estão em debate no seminário “Envelhecimento Ativo: que caminhos?”, que decorre no dia 6, a partir das 09h30, no Auditório Municipal Charlot, em Setúbal.

---

O encontro, destinado a toda a população, em particular técnicos da área, estudantes e idosos, é promovido pelo Observatório Sénior, organismo que resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal, a Uniseti – Universidade Sénior de Setúbal e o Instituto Politécnico de Setúbal (IPS).

A sessão de abertura está a cargo de José Rebelo, do Observatório Sénior, e de Armando Pires, presidente do IPS.

O primeiro painel de oradores, moderado por Brissos Lino, do Observatório Sénior, centra-se em "O direito à cidadania" e tem início previsto para as 10h00. Teresa Cadavez, da Provedoria de Justiça, apresenta "Os direitos dos idosos e a participação social", enquanto Maria de Lurdes Quaresma, da Câmara Municipal de Lisboa, desenvolve o tema "Envelhecer com projeto: o direito à autodeterminação".

Após o período de debate que se segue a todos os painéis, o seminário é retomado às 11h30 com painel "O papel social do idoso", moderado por Duarte Machado, em representação da Cruz Vermelha Portuguesa.

Stella António, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica, aborda "O papel do idoso na família" e Alberto Alves, da Uniseti, desenvolve sobre "Voluntariado sénior".

O seminário é retomado da parte da tarde, às 14h30, com o painel dedicado ao tema "Formas de abuso", moderado por Sónia Reis, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

"Solidão e exclusão social dos idosos" é o título da intervenção de Ana Bordeira, do Centro Comunitário de S. Sebastião, e "Violência e abandono nos mais velhos" o da apresentação de Vanda Simão, do Centro Hospitalar de Setúbal.

O último painel de oradores é dedicado a "Respostas de sucesso", sendo moderadora Conceição Loureiro, da Câmara Municipal de Setúbal.

Luís Jacob, da RUTIS – Rede de Universidades da Terceira Idade, desenvolve sobre "A universidade sénior enquanto resposta social", seguindo-se Maria Dolores de Matos, da FIAR – Centro de Artes de Rua de Palmela, que explora o tema "A cultura nos seniores – Grupo de Teatro 'As Avozinhas'". Assunção Jácome, da autarquia sadina, termina o último painel com a intervenção intitulada "Idosos em movimento – Desportivamente em (Re)Forma".

A sessão de encerramento está a cargo da presidente da Câmara de Setúbal, Maria das Dores Meira, e de Brissos Lino, enquanto reitor da Uniseti.

## Três maridos, três mulheres assassinadas

Os últimos dias ficaram marcados por violência doméstica

Por: tví24 / CLC | 31-8-2011 21:55



Nos últimos três dias, três mulheres foram assassinadas alegadamente pelos maridos. São casos de violência doméstica levada ao limite.

O caso mais recente é o de um **polícia que é suspeito de matar** a mulher depois de ter trancado o filho.

No Cadaval uma herança terá sido o motivo do crime. Já em Santa Maria de Lamas um homem esperou pelo final do casamento do filho e segundo testemunhas matou a mulher devido a ciúmes.

À Associação de Apoio à Vítima todos os dias chegam denúncias. O crime acontece em todas as estratos sociais. Este ano até Maio 10 mulheres morreram vítimas de violência doméstica. Em 2010 foram 43.



01-09-2011

**Tiragem:** 3000

**País:** Portugal

**Period.:** Quinzenal

**Âmbito:** Regional

**Pág:** 3

**Cores:** Cor

**Área:** 19,32 x 3,06 cm<sup>2</sup>

**Corte:** 1 de 1



## APAV apoia vítimas turistas

Na sequência da apresentação pública da campanha “May I Help You?”, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), através do seu Centro de Formação e da Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica (UAVIDRE), procedeu no passado dia 10 de Agosto, a um curso de formação no Consulado Britânico, com estreita colaboração da Embaixada Britânica, que despertou forte interesse em grande parte das Embaixadas com representação em Portugal.






**Fundação Vodafone Portugal**  
Home World of Difference Comunidades Blogs FAQs Instituições



## World of Difference

O seu trabalho tem impacto social? Quer trabalhar numa instituição de solidariedade social? Então participe no nosso concurso de talentos e seja parte do projecto.



**Participe no concurso de talentos e seja parte do projecto.**

**Neste emprego, todos os dias são extraordinários.**

Quantas vezes já sonhou com a hipótese de contribuir para a sociedade, trabalhando numa causa que o realize profissional e pessoalmente? O problema é que as instituições que estão no terreno não têm fundos para atrair profissionais qualificados, dependendo quase sempre da boa vontade de quem lhes pode emprestar algumas horas depois do trabalho ou ao fim-de-semana. O World of Difference é um programa mundial desenvolvido pela Fundação Vodafone que visa financiar a colocação de profissionais qualificados junto de instituições de solidariedade social. A selecção do candidato é da responsabilidade da instituição, enquanto a Fundação Vodafone assegura o financiamento da sua contratação. Participe e encontre o seu emprego de sonho.

**FUNDAÇÃO VODAFONE**  
**Programa para profissionais**

**A Fundação Vodafone Portugal lançou recentemente o "World of Difference", um programa cujo objectivo é financiar a colocação de profissionais qualificados junto de instituições de solidariedade social.**

As candidaturas ao programa foram realizadas até ao dia 12 de Agosto, em exclusivo no website que a Fundação Vodafone Portugal criou para o efeito. As vagas disponibilizadas contemplavam o cargo de: enfermeiro, terapeuta ocupacional e coordenador administrativo no Espaço Saúde da Câmara Municipal de Setúbal; técnico de informática na Câmara Municipal de Odivelas; assistente de comunicação e divulgação de fundos na Operação Nariz Vermelho; técnico de informática na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A estas entidades juntar-se-ão outras numa fase posterior do projecto. A selecção dos candidatos é da inteira responsabilidade da instituição que propõe a função com a qual participa no programa. Até ao momento, o 'World of Difference', gerido pelas Fundações Vodafone de todo o mundo, já foi implementado em 20 países, tendo permitido integrar mais de 1500 pessoas nesses mercados de trabalho. A primeira edição do 'World of Difference' em Portugal tem um investimento total de cerca de 150 mil euros.



### **APAV apresenta a Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores**

A APAV com o apoio da AIPA realizou, no passado dia 30 de Agosto, na sua sede, uma acção de sensibilização/informação com o intuito de apresentar a UAVMD – Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação.

A acção, apresentada pela Dr.ª Joana Ruivo, Gestora da Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica (UAVIDRE) em Lisboa, contou com a participação de cerca de 20 imigrantes. Para a gestora da UAVIDRE, esta acção de informação, que incidiu sobre a temática da discriminação, foi promovida numa lógica preventiva de sensibilizar a população imigrante para os tipos de crime de que ela poderá ser alvo e de dar-lhe a conhecer os apoios que a APAV presta à vítima imigrante.

A Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores, em funcionamento desde 2009, encontra-se na sede da APAV em Ponta Delgada, sita na Rua do Mercado nº 57.

**Publicado:** Sexta, 02 Setembro, 2011

[Retroceder](#)



• 02-09-2011 •

## Assento Parlamentar (BE)

por *Ana Sartóris*

(Membro da Coordenadora Distrital de Setúbal)



## Amor, Poder e Controlo

**O que têm em comum Agosto de 2011, Verão de 2010 e Novembro de 2009? Em todos estes períodos, em quatro dias quatro mulheres foram assassinadas em crimes de violência praticada pelos actuais ou ex-companheiros. Alguns agressores são estudantes, com um comportamento insuspeito e considerado dentro dos padrões da normalidade.**

Em 2008, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima recebeu 321 queixas de violência no namoro. Agressões verbais, como gritos ou insultos, atirar ou partir objectos, impedir ou controlar contactos com outras pessoas são os actos mais frequentemente relatados pelas vítimas.

No mesmo ano, um estudo da Universidade do Minho revelou que um em cada cinco jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, admitiram ter sido vítimas de comportamentos emocionalmente abusivos; uma em cada quatro jovens foi vítima, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação e 6,7 por cento de jovens alvo de "murros, sovas e pontapés e ameaças com armas".

Emergente, o fenómeno da violência no namoro surge de forma muitas vezes silenciosa, em tantas ocasiões desculpabilizada pelas vítimas e facilmente entendida como um acto de descontrolo, único por isso mesmo. Porém, o objectivo do agressor é fragilizar, isolar, controlar.

São inúmeras as formas de violência: económica, emocional, física, psicológica, verbal, e/ou sexual. Acreditar que a violência nas relações íntimas está circunscrito ao casamento ou aos casais adultos é um engano. Os indícios surgem desde cedo, demasiadas vezes logo nos primeiros tempos de afectividade, logo no primeiro namoro. As agressões emocionais são a forma mais frequente de violência.

Minimizando as suas consequências, o ciúme e/ou ser possessivo são confundidas como actos de amor. Amor não é circunscrever ao outro a sua vida. É desenhar uma vida em conjunto. Amor é partilha. Partilha de afectos, pensamentos e opiniões. Amor é liberdade. Liberdade para ser.

Em 2010, quatro vítimas mortais de violência conjugal tinham 23 anos ou menos. No final de Novembro de 2009, foram quatro jovens mulheres assassinadas, em quatro dias. Os seus agressores eram todos estudantes.

**Rasgar o silêncio de um crime, romper o esquecimento a que querem dotar as vítimas e colocar na agenda política o fenómeno da violência conjugal é o objectivo da iniciativa que os jovens do Bloco de Esquerda no distrito de Setúbal levam a cabo, na próxima semana, no concelho de Palmela.**

**Numa sessão do ciclo de cinema ao ar livre “Tipo... Cenas!”, “Amor, Poder e Controlo” é o tema. Dia 8 de Setembro, às 21h30, no Pinhal Novo, no jardim da Praça da Independência, em frente à estação de comboios.**

Reflectir, debater, pensar alternativa é urgente. Em nome do futuro. Em nome da liberdade. Em nome da cidadania.

Ana Sartóris - 02-09-2011 14:32



ID: 37316103

02-09-2011

>> APAV confirma

# Crimes contra migrantes pouco denunciados

NATACHA ALEXANDRA PASTOR  
natacha.pastor@terranostira.publicor.pt

Por desconhecerem eventualmente a existência de uma Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação da APAV, vários são os que se coíbem de procurar as entidades e denunciar os casos. O alerta é deixado por Silva Branco, responsável pela APAV nos Açores.



Unidade passa despercebida, razão pela qual são poucas as denúncias conhecidas

José António Rodrigues

que os crimes são cometidos, uma postura difícil de contrariar, mas que importa denunciar, sobretudo junto das entidades competentes na matéria, conforme explica Silva Branco da Associação de Apoio à Vítima.

"Aquilo que nós sensibilizamos sempre é para a pessoa apresentar queixa e dê a conhecer que foi vítima. Por norma, a pessoa quando cá vem nem está sensibilizada para apresentar queixa. É processado um tipo de apoio psicológico, já que há sempre uma sensibilidade emocional associada a estas situações. É mais difícil de contornar esta questão, do que em relação à violência doméstica, é um facto. Existem mecanismos e respostas muito bem definidos em relação à violência doméstica". Na outra matéria, admite a responsável, "estamos a dar os primeiros passos".

Na realidade foram poucos os casos que chegaram ao conhecimento da APAV, mas Silva Branco admite que possam ser mais, fruto de algum desconhecimento da existência desta unidade de apoio.

A Associação de Defesa de Apoio à Vítima criou uma unidade que pretende fazer face as problemáticas do público para o qual está vocacionada, a UAVMD – Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores, que tem como missão proteger e apoiar migrantes vítimas de crime

e de discriminação no Arquipélago dos Açores. Trata-se de uma unidade que surgiu em 2009, mas que carece de maior visibilidade, razão pela qual a APAV decidiu-se pela realização de uma ação de sensibilização para dar a conhecer as possíveis situações de crime em que poderão ver-se envolvidos e

as formas de fazerem valer os seus direitos, bem como prestar apoio jurídico psicológico e social, caso se justifique, uma ação que merece o apoio da AIPA – Associação dos Imigrantes dos Açores.

Violência doméstica e discriminação racial são os tipos de crimes mais perpetrados sobre alguns

dos migrantes que pediram apoio à instituição e, ao contrário do que se possa imaginar, à unidade não têm chegado casos de práticas irregulares exercidas pelas entidades empregadoras. Em termos laborais, a APAV não regista, para já, casos de denúncia, nem de apoio, é mesmo ao nível social





# Vodafone tem 150 mil euros para salvar empregos em Portugal

World of Difference, um programa presente em 20 países e que já permitiu a mais de 1500 pessoas trabalharem em projectos sociais, arrancou em Portugal.

**Nestes empregos, todas as horas são extraordinárias.**

Participe em [wod.vodafone.pt](http://wod.vodafone.pt)

**Fundação Vodafone Portugal**

A campanha para o World of Difference foi criada pela agência JWT, na imprensa e no 'online'. FOTO: D. R.

Mais de cem mil euros podem fazer um mundo de diferença. Se assim o pensou, melhor o fez a Vodafone Portugal. Este Verão, a operadora pôs em marcha em Portugal o programa World of Difference (Um Mundo de Diferença), já presente em 20 países, e reservou no orçamento da Fundação Vodafone Portugal 150 mil euros. Objectivo? "Satisfazer as necessidades de mão-de-obra especializada de diversas instituições nacionais que, de outro modo, não teriam fundos para atrair profissionais qualificados e dependeriam quase sempre da boa vontade de quem lhes pode emprestar algumas horas depois do trabalho ou

ao fim-de-semana", explica José Alexandre Coelho, coordenador do World of Difference da Fundação Vodafone Portugal.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o Espaço Saúde, a Opera-

ção Nariz Vermelho e a Câmara Municipal de Odivelas foram as instituições apoiadas nesta primeira fase do projecto, tendo sido preenchidas sete posições. Os colaboradores começam a trabalhar este mês.

A Vodafone assegura o pagamento do ordenado durante seis meses ou um ano. O valor da remuneração é definido pela instituição. "As próximas edições do programa serão anunciadas brevemente", diz José Alexandre Coelho, sem precisar uma data.

A agência de publicidade JWT criou a campanha de comunicação, presente na imprensa e no *online*.

— Ana Marcela

• World of Difference está presente em 20 países. • 1500 pessoas já trabalharam num projecto social com o apoio do programa.

• Em Portugal, a primeira fase apoiou quatro instituições e colocou sete pessoas. • O programa da Vodafone Portugal tem um orçamento anual de 150 mil euros.

<http://wod.vodafone.pt/world-of-difference-portugal/>

## **moldura**

### **Seminário em Setúbal «Envelhecimento Ativo: Que Caminhos?»**

**«Envelhecimento ativo deve ser promovido quer a nível individual, quer a nível coletivo»**

*- A importância do “envolvimento e esforço conjunto” na promoção da qualidade de vida da população sénior foi destacada pela presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Maria das Dores Meira, ontem à tarde, no encerramento do seminário “Envelhecimento Ativo: Que Caminhos?”.*



A realidade existente e a procura de novas soluções para uma velhice salutar foram os principais assuntos em debate no encontro, realizado no Auditório Municipal Charlot, promovido pelo Observatório Sénior, organismo que resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal, a Uniseti - Universidade Sénior de Setúbal e o Instituto Politécnico de Setúbal (IPS).

“É fundamental a existência de espaços onde se promova a partilha e a reflexão conjunta que permitam a identificação de necessidades, a análise das respostas existentes e daquelas que é necessário criar ou agilizar, de forma integrada”, sublinhou a autarca.

Na intervenção, Maria das Dores Meira referiu que o “envelhecimento ativo deve ser promovido quer a nível individual, quer a nível coletivo”, reforçando, contudo, que “o investimento individual e das respetivas famílias carece de políticas e investimento comunitário”.

O papel da Câmara Municipal de Setúbal no reforço do “espírito de articulação” entre todos os intervenientes nesta área foi, igualmente, evidenciado pela presidente da Autarquia, que vincou a necessidade do estabelecimento de parcerias.


“Para promovermos o bem-estar é necessário o estabelecimento de parcerias efetivas e a rentabilização de todos os recursos existentes, tendo consciência das dificuldades que todos vivemos atualmente, mas também das potencialidades de uma comunidade participante e ativa”, frisou Maria das Dores Meira.

O encontro, com a presença de centena e meia de pessoas, entre técnicos da área, estudantes e população em geral, contou com quatro painéis subordinados aos temas “O direito à cidadania”, “O papel social do idoso”, “Formas de abuso” e “Respostas de sucesso”.

Brissos Lino e José Rebelo, do Observatório Sénior, um representante do Instituto Politécnico de Setúbal, Teresa Cadavez, da Provedoria de Justiça, Maria de Lurdes Quaresma, da Câmara Municipal de Lisboa, e Duarte Machado, da Cruz Vermelha Portuguesa, foram alguns dos intervenientes no Seminário: “Envelhecimento Ativo: Que Caminhos?”

Stella António, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Alberto Alves, da Uniseti, Sónia Reis, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Ana Bordeira, do Centro Comunitário de S. Sebastião, Vanda Simão, do Centro Hospitalar de Setúbal, Conceição Loureiro e Assunção Jácome, da Câmara Municipal de Setúbal, e Luís Jacob, da RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade.



 Be the first of your friends to recommend this.



7.9.2011 - 15:15







# APAV apresenta a UAVMD

A APAV Açores, com o apoio da AIPA, realizou no passado dia 30 de Agosto, nas suas instalações, uma acção de sensibilização/informação com o intuito de apresentar e divulgar a UAVMD - Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores.

A sessão, apresentada pela Dr.ª Joana Ruivo, gestora da UAVMDRE - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica de Lisboa, contou com a participação de cerca de 15 imigrantes.

Em entrevista para os Rumos Cruzados, Joana Ruivo deu-nos uma breve visão de como e porque surgiu uma unidade de apoio à vítima imigrante. "A dada altura na APAV sentimos necessidade de especializar o apoio às vítimas imigrantes, devido a uma série de factores associados à imigração, que vão da cultura à regularização de documentação", explicou. Nes-



A UAVMD situa-se na Rua do Mercado nº 57

te sentido, e mediante um protocolo que a APAV celebrou com o ACIDI, foi criada em 2005 a primeira unidade de apoio à vítima imigrante, em Lisboa. Posteriormente, desenvolveram-se mais dois gabinetes: um em Vila Real e outro nos Açores, em 2009.

Sobre os apoios que os imigrantes podem ter nestas unidades, Joana Ruivo responde que "são basicamente os mesmos que têm os outros gabinetes da APAV": o apoio jurídico que dá à vítima informação acerca dos seus direitos e conselhos para a melhor forma de os exercer. "No caso da discriminação, os nossos juristas podem ajudar as vítimas com um acompanhamento mais personalizado", acrescentou. A APAV dispõe também de psicólogos para o apoio psicológico e emocional. A nível social, tudo aquilo que os gabinetes da APAV não conseguem prestar esta or-

ganização articula com outras entidades que possam dispensar esse apoio social.

Em relação ao gabinete dos Açores, a gestora da UAVMD, Dr.ª Sílvia Branco, explicou-nos que esta acção, que incidirá sobre a temática da discriminação, foi promovida numa lógica preventiva de sensibilizar a população imigrante para os tipos de crime de que ela poderá ser alvo. Por outro lado, "sentimos necessidade de divulgar mais a unidade, uma vez que o público-alvo desconhece que a mesma existe e neste sentido não consegue pedir ajuda à nossa instituição", referiu. Depois desta sessão de divulgação da Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores fica a esperança de que os imigrantes fiquem mais sensibilizados para eventuais situações de crime e que passem a palavra a outras pessoas. ♦



A APAV Açores, com o apoio da AIPA, realizou no passado dia 30 de Agosto, nas suas instalações, uma ação de sensibilização/informação com o intuito de apresentar e divulgar a UAVMD – Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores. A sessão, apresentada pela Dr.ª Joana Ruivo, gestora da UAVIDRE - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica de Lisboa, contou com a participação de cerca de 15 imigrantes.

Em entrevista para os Rumos Cruzados, Joana Ruivo deu-nos uma breve visão de como e porque surgiu uma unidade de apoio à vítima imigrante. "A dada altura, na APAV sentimos a necessidade de especializar o apoio às vítimas imigrantes, devido a uma série de factores associados à imigração, que vão da cultura à regularização de documentação", explicou. Neste sentido e mediante um protocolo que a APAV celebrou com o ACIDI foi criada, em 2005, a primeira unidade de apoio à vítima imigrante, em Lisboa. Posteriormente, desenvolveram-se mais dois gabinetes um em Vila Real e outro nos Açores, em 2009.

Sobre os apoios que os imigrantes podem ter nestas unidades, Joana Ruivo responde que "são basicamente os mesmos que têm os outros gabinetes da APAV." O apoio jurídico que dá à vítima informação acerca dos seus direitos e conselhos para a melhor forma de os exercer. "No caso da discriminação, os nossos juristas podem ajudar as vítimas com um acompanhamento mais personalizado", acrescentou. A APAV dispõe também de psicólogos para o apoio psicológico e emocional. A nível social, tudo aquilo que os gabinetes da APAV não conseguem prestar, esta organização articula com outras entidades que possam dispensar este apoio social.

Em relação ao gabinete dos Açores, a gestora da UAVMD, Dr.ª Sílvia Branco, explicou-nos que esta ação, que incidiu sobre a temática da discriminação, foi promovida numa lógica preventiva de sensibilizar a população imigrante para os tipos de crime de que ela poderá ser alvo. Por outro lado, "sentimos necessidade de divulgar mais a unidade uma vez que o público-alvo desconhece que a mesma existe e neste sentido não consegue pedir ajuda à nossa instituição", referiu. Depois desta sessão de divulgação da Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação dos Açores fica a esperança de que os imigrantes fiquem mais sensibilizados para eventuais situações de crime e que passem a palavra a outras pessoas.

Rumos Cruzados, 8 de setembro de 2011.

**Publicado:** Sexta, 09 Setembro, 2011

# JS Cascais

*Avançamos porque Acreditamos!*

DOMINGO, 11 DE SETEMBRO DE 2011

JS Summerfest



Quinta-feira, dia 25 de Agosto, muitos militantes da Juventude Socialista aderiram ao apelo à participação na 2ª edição do JS SummerFest. Chegando pela tarde, uma vez tendas postas, acompanhamos a sessão de abertura e **uma sentido homenagem aos nossos camaradas da AUF (nossa congénere norueguesa) vítimas do atentado terrorista de 22 de Julho na ilha de Utoya.**





Homenagem às vítimas do atentado de 22 de Julho à Ilha de Utoya

Na sexta-feira, o dia teve poucos momentos parados, com mais camaradas a chegar de Cascais, com festa, mas principalmente uma extensa participação no programa político do dia. Pela manhã, participámos nos workshops «**Género e Relações Laborais**» (com Lúcia Amâncio – Professora no ISCTE-IUL, antiga presidente da Comissão Igualdade e Direitos da Mulheres) e «**Combate à discriminação racial e xenofobia**» (com Joana Ruivo da Unidade Apoio à Vítima Imigrante e Discriminação da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).



Prof. Lúcia Amâncio fala de Género e Relações Laborais

Começámos a jornada política da tarde com uma formidável formação oferecida pela ECOSY (Juventudes Socialistas Europeias). Sarita Niemi, presidente dos Estudantes Social-Democratas Finlandeses e formadora da ECOSY *pool of trainers*, através de uma workshop interativa e dinâmica, deu-nos uma nova perceção da discriminação e do seu efeito na sociedade e lançou-nos na busca de estratégias a adotar no sentido de **ajudar ativistas LGBT a alcançar a tão desejada igualdade de direitos**.



Joana Ruivo fala do combate à discriminação racial e xenofobia

O ponto alto da tarde foi o **Encontro da Organização Nacional de Estudantes Socialistas do Ensino Básico e Secundário (ONESEBS)**, coordenada a nível nacional pelo nosso camarada Miguel Costa Matos. Desde discutir desafios organizacionais a debater questões atuais da educação, esta conferência foi muito participada. Com estudantes socialistas do ensino básico e secundário de todo o país, a conferência deu provas do crescimento da organização e reforçou a esperança e empenho das estruturas da JS em fazer a ONESEBS crescer.



Encontro ONESEBS

O dia político ficou concluído com a conferência principal do Summerfest, subordinada ao tema **«Igualdade e Políticas Públicas em tempos de crise - uma Visão Socialista»** que contou, para além do nosso Secretário-Geral, Pedro Delgado Alves, com dois convidados: Elza Pais – Deputada à AR, antiga Secretária de Estado da Igualdade; e Elísio Estanque – Investigador do Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra).





## DIFERENÇAS À MESA



➤ A problemática da violência doméstica continua a estar na ordem do dia e para a discutir o GP convidou responsáveis da PSP, APAV e CIG

### Menu

O GP convidou Marlene Fonseca, da APAV-Porto, Teresa Carvalho, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e o intendente Pedro Moura, da PSP-Porto, para debaterem a violência doméstica. O flagelo teima em não abandonar as cifras negras da polícia e das associações e entidades sociais que todos os dias lidam de perto com este crime. Nos gabinetes onde se dirigem as vítimas, em salas reservadas onde as acompanham ou do outro lado do telefone. O fenómeno não se resolve com régua e esquadro e conversar é também uma forma de prevenir.

# Vagas das 36 casas-abrigo “não chegam”

**Violência doméstica** ➔ Mais de metade das casas-abrigo está no Norte. As 617 vagas no País estão quase sempre lotadas

PEDRO JOSÉ BARROS  
pedro.barros@grandeportonline.com  
IVO PEREIRA

Os jornais têm dado nos últimos meses eco de várias mortes de mulheres às mãos de maridos. Está o problema da violência doméstica a agudizar-se em Portugal? Está a Região Norte a ver crescer a incidência do flagelo proporcionalmente ao crescimento de outros problemas sociais e económicos? Podemos falar de tipologias de vítimas ou de casos?

Teresa Carvalho, técnica superior na delegação Norte da CIG - Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, começa por dizer que “não existe um tipo de vítima”, mas que o “maior número” de casos que acompanham respeitam à violência doméstica. Não nota, porém, que haja um aumento de casos nos últimos tempos.

A CIG só contabiliza as primeiras (novas) participações. No ano passado, “foram mais de 200”. Mas o número total de atendi-

mentos é superior.

Marlene Fonseca, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) do Porto crê que o crescimento do número de participações “não se deve ao aumento da violência doméstica, mas às ações de sensibilização” que são levadas a cabo, que ajudam a despertar consciências.

Às esquadras da PSP chegam constantemente casos de violência doméstica. Vai havendo, inclusivamente, “maior regularidade” de problemas re-

gistrados no seio de casais homossexuais, informa o intendente Pedro Moura. Mas as participações “têm-se mantido” nos valores habituais.

“A PSP tem feito um es-

“Ainda se desconhece muito o trabalho das associações. Há pessoas que não sabem que podem ser ajudadas”

forço ao nível da formação e sensibilização interna dos elementos para este problema”, explica. A “maior visibilidade” que a comunicação empresta à temática também ajuda.

### RECURSOS

Sobre os recursos de que dispõem para fazer o seu trabalho, as respostas não animam. “Somos um organismo do Estado e acho que está tudo dito. Levamos os mesmos cortes e precisávamos de mais pessoas. Os recursos são quase sempre

os mesmos, quatro ou cinco elementos dão conta de todas as situações”, refere Teresa Carvalho.

Na APAV do Porto trabalham três profissionais, auxiliados por uma rede de 32 voluntários especializados em psicologia, direito e serviço social. Financieiramente, o trabalho de uma associação particular sem fins lucrativos “é muito difícil” e a fatia que recebem do Governo “é muito pequena”. “As autarquias é um longo percurso. Está muito aquém do que seria





## Diferenças à Mesa

desejável. Precisamos de mais espaços e de mais pessoas", refere Marlene Fonseca.

Teresa Carvalho acrescenta que das 36 casas-abrigo que funcionam no País, "mais de metade" situa-se no Norte. Esta rede comporta 617 vagas para mulheres e crianças que "não chegam para as necessidades". Estão "quase sempre" preenchidas a 90 por cento, diz.

### VIOLÊNCIA NO NAMORO

Boa parte do trabalho a fazer é prevenção. A PSP desenvolve "ações de sensibilização" junto de grupos de risco. Preocupa-a o "despoletar da violência no namoro", por exemplo. Marlene Fonseca diz que ao nível do namoro, o que pode estar a acontecer é não necessariamente um aumento de casos, mas a "identificação de certos comportamentos como violência" e que até aí não eram percebidos dessa forma. Acrescenta que de acordo com um estudo da Universidade do Minho, "muitos assumem que já se agrediram no seio de um namoro e isso é muito grave".

Os idosos integram outro grupo sobre o qual a PSP tem realizado trabalho "com alguma intensidade".

Por outro lado, é preciso contar com os efeitos da mediação. "Sempre que alguém da APAV fala na televisão por algum motivo, os telefonemas aumentam. Creio que isto acontece porque ainda se desconhece muito o trabalho destas associações. Às vezes as pessoas não sabem que podem ser ajudadas", comenta Marlene Fonseca.

E para esta equação conta a situação económica dos agregados familiares? O contexto social em que habitam? Pedro Moura diz que "é difícil a PSP receber chamadas para situações na zona da Foz". Marlene Fonseca, da APAV, considera que isso não terá a ver "com o estatuto" das pessoas, mas sobretudo "com a vergonha" que poderão sentir em denunciar o crime.

MARLENE FONSECA



Muitos assumem que já se agrediram no seio de um namoro e isso é muito grave



TERESA CARVALHO



A equipa da casa-abrigo trabalha com a vítima no seu novo projecto de vida



PEDRO MOURA



É difícil recebermos chamadas para situações de violência doméstica na zona da Foz



# Projecto-piloto Há 173 agressores a serem acompanhados no Norte

Directamente, a APAV trabalha apenas com vítimas e os seus familiares, mas também há trabalho de campo a ser desenvolvido junto dos agressores.

Teresa Carvalho, da CIG, dá conta do Programa para Agressores de Violência Doméstica, que está a ser conduzido junto de 173 agressores, em parceria com a Direcção-Geral de Reinserção Social.

Trata-se de um projecto-piloto que está ape-

nas a ser desenvolvido no Norte. Dirige-se a indivíduos que já deram entrada no sistema de justiça e que foram condenados a penas suspensas ou efectivas não inferiores a 18 meses.

O objectivo é "tentar prevenir uma possível reincidência", explica a técnica. O ponto-chave é um módulo psico-educacional de 20 sessões em que se abordam temáticas como os estereótipos.

### CONTINUIDADE

"Pode haver penas e condenações, mas se não se mexer na maneira como se pensa a violência não adianta", comenta Teresa Carvalho. O projecto iniciou-se em 2009 e termina em Janeiro de 2012, mas já está assegurada a sua repetição e extensão ao resto do País.

"Se não se fizer uma intervenção com os agressores, a violência não cessa porque se tra-

ta de um padrão de comportamento que ele não admite que esteja errado", considera Marlene Fonseca.

Na maioria dos casos de violência doméstica, as armas utilizadas são as "facas de cozinha". Mas as estratégias são imensas: das "toalhas molhadas para não deixar marca" aos "químicos colocados na comida" e agressões com ácidos.



## Leis Apenas "uma prisão preventiva" em sete anos de trabalho na APAV

Durante os sete anos em que Marlene Fonseca trabalhou até agora na APAV-Porto, "só houve uma prisão preventiva" decorrente das participações efectuadas.

As críticas ao que acontece depois de se dar início ao processo na justiça são mais do que muitas. "Tenho situações em que mesmo tendo havido uma violação da medida de afastamento, aviso o tri-

bunal e continua a não ser aplicada uma medida mais gravosa", lamenta. Marlene Fonseca acredita que os magistrados "estão cada vez mais sensíveis a esta problemática, mas trata-se de um tipo de violência que muitas vezes é difícil de se fazer prova por acontecer dentro de casa".

Pedro Moura, da PSP, lembra que deve ser tida em conta a separação de funções entre os vá-

rios agentes. "A nós, PSP, compete fazer um trabalho e esperamos que as outras instituições façam o seu da melhor maneira possível", diz.

### PULSEIRAS ELECTRÓNICAS

Marlene Fonseca acrescenta que a APAV já lidou inclusivamente com situações em que "mesmo estando em prisão preventiva, os agressores volta-

ram a ameaçar de morte a vítima".

Teresa Carvalho, da CIG, refere que sem uma fiscalização electrónica "é difícil" conseguir detectar se a pessoa se aproxima da vítima. E mesmo com uma fiscalização electrónica, há casos em que o efeito dissuasor do afastamento não se verifica, apesar de aí as autoridades serem também informadas rapidamente.

#### Actualidades

[Comunicados à imprensa](#)

[Recortes de Imprensa](#)

[Newsletter](#)

[Página Principal](#) > [Notícias](#) > [Actualidades](#)

### Linha Ajuda estabelece parceria com a APAV



Europeia.

Mais informações: [Linha Ajuda](#)

Criado em: 16 de Setembro de 2011

Na prossecução de um atendimento de melhor qualidade e maior abrangência, a Linha Ajuda Internet Segura formalizou uma parceria com a [APAV](#) (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).

Neste sentido, serão encaminhados para este organismo, os contactos cuja resposta integral careça ou aconselhe a uma intervenção especializada em matérias relacionadas com o apoio à vítima de crime.

A Linha Ajuda tem por base um serviço de atendimento telefónico e online de crianças, jovens, pais e professores, sobre questões relacionadas com o uso de tecnologias online.

A Linha Ajuda é uma iniciativa da [Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação](#), no âmbito do consórcio Internet Segura e do programa Safer Internet, sendo co-financiada pela Comissão



# Abuso sexual de crianças resulta em oito acusações

**Lisboa.** O DIAP de Lisboa registou, até 15 deste mês, 79 suspeitas de crianças abusadas. Mas só em 10% dos casos houve provas para o Ministério Público avançar uma acusação

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

O Ministério Público avançou, este ano, em Lisboa, com acusações contra apenas oito suspeitos do crime de abuso sexual de menores. No entanto, segundo dados avançados ao DN pelo Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa, até à passada quinta-feira tinham entrado naquele serviço 79 inquéritos.

De 2008 até este ano, o número de inquéritos tem diminuído: 232 registados em 2008, 191 em 2009 e 180 em 2010, com 25, 24 e 27 acusações, respectivamente.

"Regista-se alguma diminuição de participações, o que pode ter várias explicações, designadamente o resultado positivo ao nível da prevenção e da actuação das autoridades policiais e do Ministério Público", explica Maria José Morgado, directora do DIAP de Lisboa, em declarações ao DN.

O medo de denunciar as vítimas deste tipo de crime também pode ser um dos factores. "A maioria dos casos de abusos sexuais de menores são denunciados muito tempo depois de terem começado", explica João Ferreira e Costa, procurador do Ministério Público.

Uma das razões para esse silêncio é simples: "É porque as vítimas têm muito medo do que estão a passar e nem sequer se apercebem de que estão a ser vítimas de crime, apesar de estarem assustadas", diz o magistrado do MP. Mas existem também motivos mais complexos. A socióloga Mafalda Costa Gouveia lembra que "se o abusador for um dos seus progenitores, a criança prefere continuar a acreditar que o abusador é uma pessoa justa".



No caso de o abusador ser um dos pais, o medo torna ainda mais difícil a denúncia por parte da vítima

Mesmo assim, "os mais corajosos denunciam-no. Para isso, um passo importante é confiar em alguém", explica a especialista. Só que isso não é fácil.

Com efeito, um outro entrave à rápida denúncia das situações de abuso por parte das vítimas é a própria falta de crença nas instituições. A psicóloga Cristina Camões sublinha "que muitos jovens vítimas de abuso sexual, por não confiarem na Justiça, não denunciam o abuso, preferem ficar calados".

Dessa relutância resulta que es-

sas vítimas, quando decidem denunciar, na maioria das vezes fazem-no passado alguns meses ou até anos, o que dificulta o trabalho dos médicos especialistas que farão o exame médico legal. E enquanto não se conclui que a criança foi vítima de abuso, esta continua a conviver com o abusador, o que origina a perda de provas.

“Regista-se uma diminuição de participações este ano”

MARIA JOSÉ MORGADO  
DIRECTORA DO  
DIAP DE LISBOA

Até Setembro de 2011, foram arquivados 22 processos por abuso sexual de menores no DIAP de Lisboa. "O maior problema é, de facto, a demora da denúncia e

que depois dificulta as provas físicas", diz o procurador do Ministério Público.

Já no ano de 2010, foram arquivados 146 inquéritos por este tipo de crime, em 2009 mais sete e em 2008 mais três.

Tal como no resto da Europa, os dados sobre denúncias de abuso sexual de menores em Portugal "são muito restritos, uma vez que a maioria das vítimas não assumem o abuso, nem apresentam queixa nas entidades competentes", sublinha Mafalda Costa Gomes. O que faz que, em Portugal, os dados sobre os casos denunciados "são muito escassos e indicadores irreais dos factos. Existem muitos mais", concluiu.

## 4 PERGUNTAS A...

"Aqui também existem as cifras negras"



RUI PATRÍCIO  
Advogado  
e docente  
universitário  
de Direito Penal

**Os abusos sexuais de menores são pouco denunciados?**

É possível afirmar que existe uma parte de casos que nunca são denunciados, aquilo a que se costuma chamar "cifras negras". Pode acontecer por várias razões: medo, vergonha, constrangimentos culturais, falta de confiança na Justiça, permissividade familiar ou social.

**A lei penal protege suficientemente estas vítimas?**

Na minha opinião sim, quer no que diz respeito à reserva e ao recato, quer no que diz respeito aos direitos de intervenção no processo, quer ainda em matéria de protecção da possível vítima enquanto testemunha. Todavia, na prática, nem sempre se sente essa protecção como suficiente. Em parte, por algumas insuficiências do sistema, como por exemplo uma menor celeridade.

**As entidades envolvidas estão preparadas para estas situações?**

Como noutras matérias, umas estão, outras nem tanto. Como noutras áreas, também nesta pode haver e há erros.

**Quem denuncia a maior parte destes casos?**

Depende muito de cada caso, mas na maior parte dos casos são familiares, educadores e professores ou profissionais de saúde. Acontece também com alguma frequência, em casos de divórcio ou separação litigiosa, ser um dos membros do casal a acusar o outro de abuso.

## APAV registou mais de mil crianças abusadas no espaço de dez anos

**DADOS** Balanço feito pela APAV revela que, de 2000 a 2009, foram recebidas 1121 queixas de crimes sexuais contra crianças

Em dez anos – de 2000 a 2010 –, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 1121 crimes sexuais contra menores. A maioria – 708 crimes – foi cometida por familiares.

Ao todo, recorreram aos serviços da associação 5917 crianças,

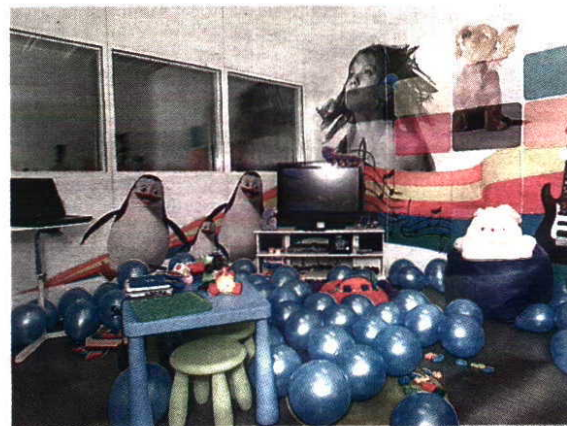
até aos 17 anos. E foram registados 9067 crimes.

Segundo a Associação de Apoio à Vítima, o aumento de queixas em relação a abusos sexuais revela que este é um dos crimes mais cometidos contra crianças. "É um tipo de criminalidade ao qual temos de estar muito atentos e agir com muito rigor na prevenção", explica a presidente da APAV, Joana Marques Vidal.

Nestes casos incluem-se abusos sexuais e violações, tanto no seio familiar como fora, surgindo ain-

da alguns contornos especialmente preocupantes, como "o facto de cada vez mais crianças com menos de 4 anos serem vítimas destes crimes, e de cada vez mais crianças praticarem estes crimes contra outras crianças", refere o documento divulgado pela APAV.

Os maus tratos físicos e psicológicos são os mais frequentes, tanto no seio da família (em que se registaram 4508 casos durante a última década) como fora dela (neste caso há registo de 259 queixas de ofensas físicas em igual período).



Em 2010, o DIAP de Lisboa criou uma sala para crianças abusadas





## Imigrantes: o que fazem as instituições de apoio

Tavira, 21 Set (Rádio Horizonte Algarve)

Na Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, em Tavira, Rita Bessa, do Gabinete de Apoio à Vítima Tavira – APAV, apresentou alguns dados sobre a actividade do Gabinete que tem em todo o País quinze Gabinetes de Apoio à Vítima, duas casas de abrigo para mulheres e crianças vítimas de violência (a linha de apoio à vítima é: 707 200 077), uma unidade de apoio à vítima imigrante e discriminação racial ou étnica, e uma unidade de apoio à vítima migrante e de discriminação – Açores e um centro local de apoio à integração de imigrantes – Vila Real.



f Partilhar no FB-Rádio Horizonte Algarve

19

Tweet

Buzz

Entre

outros a APAV apoia vítimas de todos os crimes. Violência doméstica, contra as pessoas, humanidade, património, furto e abuso de confianças. Apoio focado na abordagem dos direitos humanos, cooperação com outras instituições e conduz o processo de apoio conforme o utente quiser.

Alguns dados da 1ª Edição do projecto-sul região Algarve, período de 2008 a 2011, unidade móvel de apoio a imigrantes vítimas de crime. Apoio directo a imigrantes (900 atendimentos). Prevenção (140 intervenções. Dois mil destinatários profissionais e comunidade em geral. Produção de Campanha de sensibilização (TSH). Manual de Apoio a imigrantes vítimas de crime.

Na 2ª Edição Sul (2011 – 2013), há uma unidade móvel na região Algarve, estando prevista a disseminação kit de apoio imigrante (workshops de especialização). Prevenção nos agrupamentos escolares do Algarve (direitos humanos, discriminação).

Apoio à vítima

imigrante, especialidades: Língua, cultura, religião, ausência de rede social de apoio. Direitos e deveres, instituições de apoio "Homem Mulher".

Rita Bessa, acrescentou-nos que cada vez as pessoas se dirigem mais aos "nossos gabinetes, por telefone, e-mail, a dizer dos seus problemas. Não têm de ser só crimes de violência doméstica. Qualquer tipo de crime".

- Sobre os dados apresentados, pode esclarecer melhor?

- Este projecto foi uma candidatura. Começou em 2008 e durou até final de 2010. Foi mais dirigido à população imigrante a nível do Algarve todo. A sede em Tavira tem uma unidade móvel que fazia o apoio directo a essas vítimas em todo o Sotavento e Barlavento. Nesse apoio directo trabalhamos muito as questões da prevenção, de informação junto dos profissionais. Neste momento estamos com a 2ª edição do projecto sul. Fixemos outra

candidatura. Foi aprovada. Começamos em Setembro e vai até 2013, dando continuidade ao trabalho que foi feito na região em todo o Algarve.

- *Em todo o País 15 gabinetes. No Algarve 5.*

- Sim. Dado que temos litoral, barrocal e serra. Estamos em Tavira, Faro, Albufeira, Loulé e Portimão. A primeira região com mais imigrantes é Lisboa e a 2ª. é o Algarve. Têm acontecido mais crimes contra o património, mais assaltos às habitações que estão mais isoladas e neste tipo de situações a APAV também pode prestar apoio. Dá ajuda em termos de apoio psicológico, social, apoia a fazer a queixa, apoia em termos de cartões bancários, seguros.

Rita Bessa disse-nos que a APAV tem 21 anos e que começa a apostar na comunidade escolar "para evitar certo tipo de situações, como racismo, descriminação social, religião". O voluntariado de pessoas com aptidão na área é uma forma de colmatar a falta de meios humanos.

- *Algumas pessoas têm receio de que as suas declarações sejam tornadas públicas. Esse receio tem algum fundamento?*

- Não. As declarações são confidenciais. Nós apoiamos, mas temos sempre em atenção a vontade das próprias vítimas.

Estava prevista a participação da Associação Tavirense de Apoio ao Imigrante, representada pelo presidente da direcção, José Gregório Gonçalves. Segundo informação obtida no local, apesar de terem sido feitas várias tentativas, não foi possível o contacto, nem foi dada qualquer justificação para a ausência.

Geraldo de Jesus



# Apoio à Vítima mostra trabalho feito

Protecção contra crimes e violência, nomeadamente contra imigrantes, está entre as actividades da APAV

Gerardo de Jesus  
gerardo@post.algarve.pt

**RITA BESSA**, do Gabinete de Tavira da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), esteve na Biblioteca Municipal de Tavira, na passada sexta-feira, para apresentar algum do trabalho realizado por aquela associação, nomeadamente no que diz respeito ao apoio aos imigrantes.

A responsável lembrou que a associação dispõe de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima, duas casas de abrigo para mulheres e crianças vítimas de violência (a linha de apoio à vítima é: 707 200 077) e uma unidade de apoio à vítima imigrante e a sofrer discriminação racial ou étnica. Esta unidade inclui um centro localizado nos Açores e um centro local de apoio à integração de imigrantes em Vila Real.

**Rita Bessa** salientou que esta



**Rita Bessa salienta que a APAV apoia vítimas de todos os crimes**

associação apoia "vítimas de todos os crimes", incluindo "vio-

lência doméstica, crimes contra as pessoas, a humanidade e o

património, incluindo furtos e abuso de confiança.

O apoio a imigrantes vítimas de crime acaba por surgir como uma consequência lógica desta linha de actuação. No Algarve, decorre a primeira edição do projecto-sul região Algarve, que no período de 2008 a 2011 tem a circular uma unidade móvel de apoio a imigrantes vítimas de crime. Esta viatura assegura "apoio directo a imigrantes, com 900 atendimentos, e realizou 140 acções de prevenção, tendo como destinatários dois mil profissionais e outros elementos da comunidade".

Aquela responsável explica ainda que "na segunda edição, 2011-2013, há uma unidade móvel na região, estando prevista a disseminação de um kit de apoio imigrante e a realização de acções de prevenção nos agrupamentos escolares com a abordagem de questões

como os direitos humanos e discriminação.

**PEDIDOS DE AJUDA SÃO CADA VEZ MAIS** Ao **POSTAL**, **Rita Bessa** acrescentou que "cada vez as pessoas se dirigem mais a nós". No caso concreto do apoio a imigrantes, aquela responsável refere que o projecto que decorreu no Algarve até final de 2010 implicou a existência de uma unidade móvel, com sede em Tavira, "que fez o apoio directo a essas vítimas em todo a região. A nova etapa do projecto começa este mês e vai até 2013, dando continuidade ao trabalho que foi feito em todo o Algarve".

Às vítimas de crime que queiram queixar-se, a associação deixa uma garantia. "As declarações são confidenciais. Nós apoiamos e temos sempre em atenção a vontade das próprias vítimas".



# Médicos investigados por tratamentos à revelia

**Direitos.** Reclamações de doentes chegam cada vez mais à APAV e ao Ministério Público

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

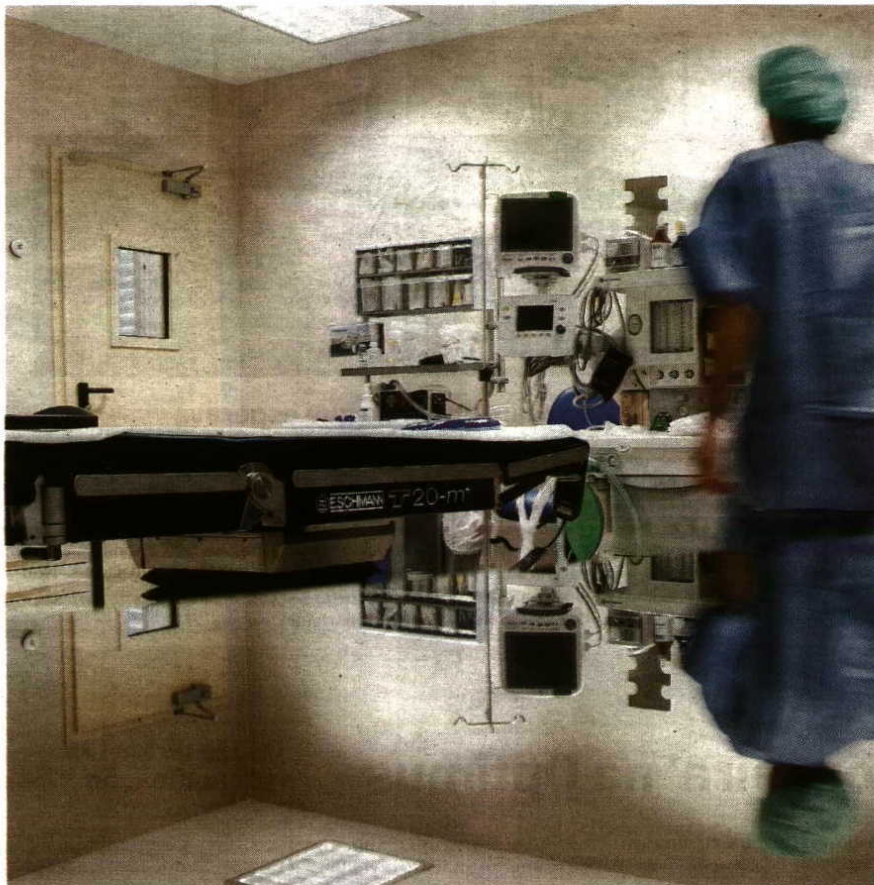
Manuel (nome fictício) foi internado no Hospital de Santa Maria em 2009 por causa de uma dor na próstata que acabou em cirurgia. No decorrer da operação, surgiram algumas complicações que levaram o médico que o assistia a decidir uma remoção parcial da próstata, apesar de o doente ter especificado que não o queria. Quando acordou, Manuel considerou a decisão errada, já que a sua vida nunca esteve em risco durante a cirurgia.

Este é um dos cinco casos investigados este ano pelo Ministério Público (MP) por suspeitas do crime de "intervenções e tratamentos médico-cirúrgicos arbitrários". Também a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima recebeu, em 2010, três queixas de pacientes contra médicos pelo mesmo crime. "Número que vai aumentar, já que agora as pessoas estão a ter consciência de que este crime existe", adianta ao DN fontes desta associação. Dos cinco casos investigados pelo MP, quatro acabaram arquivados e apenas um resultou no julgamento do médico em causa. Que pode vir a enfrentar uma pena de multa ou uma pena de prisão até três anos.

Este crime, previsto no artigo 156.º do Código Penal, refere-se a tratamentos decididos por médicos sem o consentimento dos doentes ou à revelia destes. "Estamos a falar de tratamentos ou intervenções sem o consentimento do doente ou com um consentimento baseado em pressupostos errados", explica Rui Patrício, advogado e especialista em questões penais. "Por exemplo, uma operação em que o doente não foi alertado para os riscos em causa", sublinha a mesma fonte. "É crime, mesmo que o doente não tenha sofrido nenhum dano."

Ou ainda casos mais graves em que "tendo havido recusa do tratamento, o médico decide realizar o tratamento ou a intervenção à revelia deste", afirma João Medeiros, advogado penalista. Um conceito que diverge da negligência médica, em que o dano ou morte do paciente tem sempre de existir para estarmos perante esse crime. Apesar do Código Penal prever uma pena de prisão até três anos, não existem registos no MP com este desfecho, mas sim apenas pena de multa.

Emília Serrão, procuradora do Ministério Público, responsável



Num dos casos, o médico retirou parte da próstata de um paciente contra a sua vontade

pela secção do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa que recebe este tipo de queixas, sublinha que "nestes casos não é conhecida nenhuma pena de prisão". "Atendendo que o crime em causa é praticado por um médico, pessoas com um percurso de vida perfeitamente normal, é difícil admitir a condenação num primeiro crime em pena de prisão", sublinha João Medeiros. Rui Patrício subscreeve: "Não conheço nenhum caso de pena de prisão efectiva."

João (nome fictício) ficou com algumas dificuldades no movimento de uma das pernas, depois de um médico no SAMS de Lisboa, no final de 2009, lhe ter laqueado as veias dos membros inferiores, quando tinha sido combinado entre o médico e doente outro tipo de tratamento. Porém, o Ministério Público não conseguiu provas suficientes para acusar o profissional em causa e a queixa acabou arquivada.

## 2010 com número recorde de acusações de negligência

**PROCESSOS** Os dados do DIAP de Lisboa, a única comarca com uma secção especializada neste tipo de crime - que só recentemente foi autonomizado no Código Penal -, revelam que em 2010 houve um recorde de acusações: 12 acusados, quando em 2009 tinham sido três e em 2008 apenas um. Este ano, já deram entrada no Ministério Público sete novos processos e 72 estão pendentes. Nos últimos três anos e meio foram abertos 191 processos-crime. Só 18 terminaram em acusação. Neste período, aliás, a taxa de arquivamento atingiu os 44%, com 85 casos.

Já a APAV, cujo número total não é representativo, recebeu 16 queixas de vítimas de negligência de médicos. Este tipo de crime pressupõe que um profissional de saúde proceda a um acto médico que

resulte numa lesão corporal ou a morte do paciente. Sendo que, nestes casos, o médico actuou por descuido. "O médico não queria a morte do paciente, mas não usou dos cuidados que a boa prática médica exigia. No caso do crime de intervenções e tratamentos médicos arbitrários, o médico agiu com culpa, com dolo", diz o advogado João Medeiros.

"Na negligência médica há consentimento (ou este é dispensado - nos casos previstos no artigo 156.º n.º 2), mas a intervenção não é feita segundo as regras aplicáveis, gerando perigo ou dano, seja para a integridade física seja mesmo para a vida - o que dará, consoante os vários casos possíveis, ofensa à integridade física ou homicídio", explica o advogado Rui Patrício.

### 4 PERGUNTAS A...

"Não conheço casos de prisão efectiva"



JOÃO MEDEIROS  
Advogado penalista

**Estamos a falar exactamente de que situações?**

São situações em que não foi respeitada a liberdade de decisão da pessoa submetida a intervenção ou a tratamento médico-cirúrgico, que deriva de um tratamento ou de uma intervenção não autorizada, seja porque não houve devido cumprimento do dever de esclarecimento por parte do médico seja porque tendo havido tal informação e tendo havido recusa do paciente, o médico decide realizar o tratamento ou a intervenção à revelia deste.

**Este conceito está próximo da negligência médica?**

A negligência médica é usada nas situações em que um profissional de saúde procede a um acto médico em desacordo com a boa prática médica e que causa uma lesão corporal ou, no limite, a morte do paciente. Normalmente, nestas situações, o médico actua por descuido. E por isso se fala em negligência: o médico não queria a morte do paciente, mas não usou dos cuidados que a boa prática médica exigia. No crime de intervenções e tratamentos médico-cirúrgicos arbitrários, a situação é diversa: exige-se que a conduta do médico seja dolosa, ou, pelo menos, que haja uma negligência grosseira. O médico tem de ter consciência de que actua sem consentimento válido do sujeito passivo da intervenção.

**Que tipo de consequências causam estes profissionais?**

Não tem de existir necessariamente lesão corporal no paciente. É evidente, todavia, que a intervenção, por si só, implica uma lesão da integridade física do paciente.

**Conhece algum caso em que tenha sido aplicada pena de prisão?**

Pena de prisão efectiva não. Atendendo a que o crime é praticado por médico ou pessoa legalmente autorizada a realizar intervenções, e com uma pena máxima de prisão até 3 anos, alternativa com pena de multa, salvo no caso de reincidências, é difícil (senão impossível) admitir a condenação num primeiro crime em pena de prisão.



## NOTÍCIA COM ROSTO

Calou-se a voz que  
defendia vítimas

Teresa Rosmaninho, 56 anos

Foi um dos alicerces da Associação Portuguesa da Apoio à Vítima, criada no Porto. Depois, em 1994, fundou o Soroptimist Internacional Clube do Porto, uma organização não governamental destinada a combater a violência doméstica. A Teresa Rosmaninho, psicóloga de formação, ficará ligada a luta contra quem é maltratado. Morreu ontem. Aos 56 anos.

No ano passado, às portas do Natal, a notícia que Teresa teria um cancro no pulmão levantou solidariedade. A mesma solidariedade que ela, vezes sem conta, procurou dar a quem precisava de ajuda.

“A violência doméstica mata. Mata mais do que os acidentes de viação e do que o cancro, por exemplo”, disse numa entrevista em 2007.



Foi o cancro que a matou.

“Porto de Abrigo”, uma casa de apoio a vítimas de maus tratos, foi a sua última obra. Mas do seu trabalho ressalta, também, a luta para que o atendimento nos postos policiais fosse diferente para casos de violência doméstica. Hoje, às 16 horas, o último adeus a Teresa será no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde será cremada.

MARGARIDA FONSECA



# Morreu Teresa Rosmaninho, defensora dos direitos das mulheres

Ana Cristina Pereira

● Passou a vida adulta a lutar pelos direitos das mulheres. Nos últimos nove meses, lutou contra um cancro na pleura. Teresa Rosmaninho morreu ontem no Hospital de São João, no Porto. A partir das 11h00 de hoje há um convívio na casa onde a activista, de 55 anos, nasceu (Rua Agostinho de Campos, número 245). Às 16h00, o seu corpo será conduzido ao crematório do Prado do Repouso.

Havia quem brincasse com a data do seu nascimento, como se nela houvesse algo de premonitório. No dia 25 de Abril de 1974, Teresa Rosmaninho celebrou 18 anos. Nascera no seio de uma abastada família das Antas,

mas estava em Lisboa, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. E foi como militante do MRPP que viveu o Processo Revolucionário em Curso.

A sua dedicação aos direitos humanos revelou-se cedo. Foi ela quem fundou o primeiro gabinete da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima no Porto. Entre 1983 e 1996, trabalhou no Instituto de Reinserção Social. Depois chefiou o Projecto INOVAR, que



Teresa Rosmaninho distinguiu-se pela dedicação à defesa das vítimas de violência doméstica

pôs PSP e GNR a receber formação na área da violência doméstica e a abrir salas de atendimento às vítimas.


Há muito que fazia voluntariado na Soroptimist International (SI). Nos últimos anos dedicou-se ao activismo a tempo inteiro, forma que encontrou de continuar a abrir caminho. Responsável técnica por uma casa-abrigo para vítimas de violência doméstica, impulsionou serviços de proximidade nas autarquias e lançou um dos primeiros programas de promoção de igualdade de género nas escolas.



Em Dezembro, uma tosse insistente levou-a ao hospital. Deram-lhe uns dias de vida. Resistiu muito mais do que os médicos foram capazes de prever.

## Tráfico Humano: APAV recebe mais de 44 mil euros para ações de sensibilização nas escolas

NACIONAL

2011-09-27  visitas (150)  comentários (0)



**autor**  
**Lusa**  
 [contactar](#) 43139 

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima recebeu hoje mais de 44 mil euros, fruto de uma campanha contra o tráfico de crianças e jovens, que a associação vai canalizar para a sensibilização e ações de formação nas escolas.

O montante resulta de uma campanha - 'Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens' - que uma marca de cosméticos britânica levou a cabo pelo segundo ano consecutivo e que foi angariado entre outubro de 2010 e setembro de 2011.

À Agência Lusa, uma responsável da APAV disse que esta é uma ajuda para o trabalho diário que a associação desenvolve, nomeadamente serviços direcionados para vítimas de tráfico humano, como o acolhimento, transporte, mas também para uma maior sensibilização para a problemática.

"Este é um fenómeno escondido, é muito difícil chegar a este tipo de vítimas e quanto mais as pessoas estiverem consciencializadas para este problemática, os sinais a identificar, é muito mais fácil chegar a este fenómeno e combatê-lo", explicou Carmen Rasquete.

No primeiro ano de campanha, em que foram angariados 70 mil euros, o dinheiro foi aplicado na "sustentação de projetos e aspetos estruturais". Agora, o objetivo é canalizar os 44.300 euros para ações de sensibilização.

"Vamos apostar mais em 'kits' informativos, ações de sensibilização nas escolas e materiais que cheguem às pessoas de uma forma simples e fácil para a compreensão do fenómeno", adiantou a responsável da APAV.

"Nas escolas teremos material informativo, mas não basta termos uns folhetos bonitos. O importante é passarmos a mensagem aos alunos numa linguagem que seja fácil e que não os aborreça", acrescentou Carmen Rasquete.

A relações públicas da marca de cosméticos adiantou, por seu lado, estar a tentar agendar uma reunião com a presidente da Assembleia da República, Assunção Esteves, com o objetivo de voltar a colocar na agenda a problemática do tráfico de crianças e jovens, depois de em março terem entregue no Parlamento uma petição com mais de 31 mil assinaturas com vista a tornar o combate mais eficaz em Portugal.

"Esta semana vamos entregar no edifício das Nações Unidas em Genebra um total de 7 mil milhões de assinaturas, angariadas pelo mundo em representação de uma das maiores campanhas de sempre na luta contra o tráfico de seres humanos", revelou Sandra Costa, da BodyShop.

Presente na cerimónia, a fundadora da APAV e atual presidente do Partido Socialista, Maria de Belém Roseira, destacou a importância destas ações "perante causas de interesse público", que ajudam os consumidores a envolverem-se "num consumo mais responsável".

"A sustentabilidade social não é uma coisa que possa apenas ser praticada pelas empresas, ela tem que ser objeto também de sustentação por parte dos clientes porque cada vez mais o futuro vai proporcionar a que, perante as desgraças que existem a nível mundial, os consumidores entendam ser agentes na promoção dos direitos humanos", defendeu.

Maria de Belém Roseira entende que o tráfico de crianças e jovens é um fenómeno ainda mal conhecido, que se faz essencialmente para exploração sexual, sublinhando que é nesse sentido que a campanha da BodyShop se cruza com a campanha do Conselho da Europa.

A atual campanha de angariação de fundos vai continuar até março de 2012.



## DOSSIER:

Notícias / Local

 Comentar

  fonte

 Leia-me

# Dia Mundial do Turismo: APAV preocupada com segurança dos turistas

Publicado: 2011-09-27 12:43:12 | Actualizado: 2011-09-27 12:46:12

Por: António Gil



**A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima diz-se preocupada com os turistas que são alvo de crimes. Várias dezenas de turistas foram assaltados o ano passado nos Açores.**

As situações mais frequentes são os assaltos, situação frequente são os turistas serem roubados e ficarem sem qualquer documentação.

Muitas vezes, não sabem a quem se dirigir.

A Associação de Apoio à Vítima está preocupada, e quer conhecer o perfil do turista vítima de crime, estudo que realiza no terreno a partir de outubro.

Devido a restrições financeiras, o estudo vai abranger apenas a ilha de São Miguel e deverá estar concluído no próximo ano, antes do início da época turística.





Inquérito da UMAR conclui que 60% dos portugueses não distinguem assédio de sedução

# Apenas três queixas de assédio sexual por ano

**Trabalho.** Dirigente de Comissão de Igualdade diz que há muitos mais casos do que queixas. O medo e o desconhecimento são as razões

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Por ano, em média, a Comissão de Igualdade no Trabalho e Emprego (CITE) recebe apenas três queixas de assédio sexual no local de trabalho e não há uma única condenação em tribunal. Grande parte dos casos fica sem denúncia, por medo ou ignorância, como demonstra um inquérito da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), em que mais de metade dos inquiridos não sabe qual a diferença entre assédio e sedução.

No ano passado, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou 50 queixas relativas a assédio sexual no trabalho e em locais públicos. "O fenómeno é muito menos raro do que as queixas que recebe-

mos anualmente", diz Sandra Ribeiro, presidente do CITE, "o que estará relacionado com o facto de as vítimas recearem reagir por terem medo de perder o emprego ou por terem medo do juízo moral que eventualmente venham a sofrer".

Maria José Magalhães, da UMAR, defende que "no nosso país não se vê o assédio como um problema. E muitos portugueses nem sabem bem o que encaixa neste conceito". A representante da UMAR acrescenta ainda: "Confunde-se o assédio com elogios." Na sexta-feira, a UMAR apresenta, no "Seminário Internacional de Assédio Sexual no Espaço Público e no Trabalho", em Lisboa, os resultados de um questionário que reflecte que 60% dos portugueses não sabem a diferença entre assédio sexual e sedução.

## COACÇÃO

### Relação do Porto não condena médico

Em Maio deste ano, o Tribunal da Relação do Porto considerou que o psiquiatra João Villas Boas não cometeu o crime de violação contra uma paciente sua, grávida de 34 semanas, e foi contra a decisão em primeira instância. O acórdão dizia que "os actos não foram suficientemente violentos", apesar de este forçar a vítima a ter sexo com base em empurrões e puxões de cabelo e ter forçado a grávida a praticar sexo oral.

## O QUE DIZ A LEI

### CÓDIGO DO TRABALHO

Considera assédio sexual "o comportamento indesejado de carácter sexual", verbal ou não verbal, que acaba por "constranger a pessoa, afectar a sua dignidade", ou criar-lhe um "ambiente intimidativo", humilhante ou destabilizador. É uma contra-ordenação muito grave e a vítima tem direito a indemnização. Não é considerado crime.

### INDESEJADO

A palavra-chave, segundo a agência Women Watch, das Nações Unidas, é "indesejado". Conversas, anedotas ou expressões com conotações sexuais, contacto físico, pressão para "encontros" são assédio se forem indesejadas e repetidas.

Criminalmente, estas situações podem ser integradas nos casos de importunação sexual, coacção sexual ou, em situações mais graves, de violação. "Mas são raros os casos que vão a julgamento e ainda mais as condenações registadas", diz Maria José Magalhães. O DN pesquisou e, actualmente, não existem registos em nenhum Tribunal da Relação (Lisboa, Porto, Coimbra, Évora e Guimarães) de qualquer recurso de decisões relativas a assédio sexual. O último caso reporta a Maio, em que um médico do Porto foi absolvido em sede de recurso por assediar e ter coagido sexualmente.

Segundo a UMAR, o último estudo em Portugal sobre a matéria, denunciava que uma em cada três mulheres é assediada no local de trabalho. Dados mais recentes da Organização Mundial de Saúde sublinham que, no mundo, uma em cada cinco mulheres já foi vítima de assédio sexual. "O essencial para este assunto deixar de ser tabu é o envolvimento dos parceiros sociais e em particular das empresas, com planos de intervenção", conclui Sandra Ribeiro.





1955-2011

# Teresa Rosmaninho

## Direitos humanos eram a sua ideologia

Sonhava com um mundo sem violência e era por ele que lutava todos os dias. Morreu domingo, no Hospital de S. João, no Porto

**Ana Cristina Pereira com Margarida Gomes**

● Sábado à noite, uma amiga falou-lhe numa carta da Câmara de Gaia: “Querem homenagear-te em Novembro.” Teresa Rosmaninho riu-se. E fechou os olhos. O marido passou a noite inteira a olhá-la. Não queria que ela se sentisse sozinha se abrisse os olhos uns minutos ou sequer uns segundos. Não acordou. Nunca mais acordou.

Tinha um sorriso aberto, franco. E uma força que espantava quem com ela se cruzava. Talvez por isso a sua morte tenha surpreendido amigos como a procuradora Aurora Rodrigues: “Sempre foi de uma grande combatividade. Eu pensava que ela ia vencer o cancro [na pleura]. Ela também. Ela dizia que este era o maior combate da vida dela.”

Teresa tinha um sonho. Teresa sonhava com um mundo sem violência. E trabalhava todos os dias para o construir. Parecia indestrutível. Não via impossíveis, via obstáculos. E formas de os ultrapassar. Nem as dores dos últimos nove meses a tornaram queixosa. Quando muito dizia: “Estou desconfortável.”

“Era uma mulher de mão-cheia”, recorda Fernando Gomes, que com ela lidou como autarca e como ministro. “Era de um enorme humanismo”, enfatiza Jorge Coelho, outro ex-ministro. “Distingua-se pela sua exuberância e pela determinação com que se batia pelas causas em que acreditava”, recorda, por seu lado, o juiz jubilado Laborinho Lúcio.

### Em greve de fome

Nasceu a 25 de Abril de 1955 numa abastada família das Antas. Esteve para ser advogada. Chegou a frequentar o curso de Direito, mas achou a faculdade “inóspita”. Acabou por ir para o Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa. Durante o Período Revolucionário em Curso, engrossou as fileiras do MRPP. A 28 de Maio de 1975, foi presa. Nessa noite, 423 membros daquele movimento proletário foram presos. “As nossas famílias tentaram ver-nos e foram recebidas a tiro”, conta Aurora Rodrigues. Teresa e Dulce Rocha, agora no Instituto de Apoio à Criança, foram as últimas a sair. Saíram em Agosto. Dulce nunca esqueceu aqueles meses de intenso sofrimento: “Fizemos greve de fome 16 dias - para vermos a família, termos assistência médica, sermos tratadas como pessoas.

Quem passa por uma experiência destas fica mais sensível para as questões da violência.”

Cortou com a política. Só muito mais tarde se aproximaria do PS - filiou-se em 2009. A ideologia dela, sintetiza Aurora, era “a defesa dos direitos humanos”. Nunca se arrependeu daqueles tempos. Achava até que a base da

sua força estava na sua juventude. Acreditava que os jovens devem envolver-se nos processos de luta. Aceitar desafios e assumir responsabilidades parecia-lhe imperioso para ter estrutura. Quando se lhe perguntava o que a movia, soltava uma das suas sonoras gargalhadas: “Viver num país onde ainda há muito a fazer.”

Naquela altura, queria aprender o que aqui ainda nem se ensinava. Foi para Londres fazer estudos complementares no domínio do Human Potential Development. Entre 1983 e 1996, dedicou-se aos delinquentes, como técnica da Reinserção Social. Entretanto, ocupou-se de quem mais lhe interessava: as vítimas.

MANUEL ROBERTO

Manuel Albano, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, conheceu-a por volta de 1995. Ela abriu o Porto o primeiro núcleo da Associação de Apoio à Vítima (APAV). Nunca mais deixou de trabalhar com ela. Vê-a como uma “pioneira” na defesa das vítimas de violência doméstica, “que considerava um abuso grosseiro dos direitos humanos”.

Entre 1996 e 2002, chefiou o Inovar. “Fica com o nome registado na história da evolução do tratamento das vítimas e das forças de segurança”, sublinha o ex-ministro da Administração Interna Alberto Costa. Elza Pais, ex-secretária de Estado da Igualdade, detalha: “Com ela, os polícias começaram a receber formação específica [para lidar com vítimas], um movimento que ainda não parou, e a abrir salas de atendimento à vítima.”

### Primeira casa-abrigo

A causa também lhe levava muito tempo livre. Juntara-se a outras mulheres para fundar no Porto um clube Soroptimist Internacional. Durante quase uma década, desdobrou-se em contactos para criar a primeira casa-abrigo da cidade. “Era o nosso motor”, comenta Maria do Céu Stuve, que com ela partilhou a direcção da associação. “Ela vinha com as ideias e com os projectos e nós colaborávamos.”

Houve o Estrada Larga, com dezenas de sessões de esclarecimento em três distritos do Norte do país. E o Novo Rumo, que criou serviços de proximidade em juntas de freguesia. E o Geração I, que levou a prevenção para as escolas. E a Beatriz, que escolheu a via do teatro. Nos últimos tempos, virara-se para a saúde. Juntara-se a Berta Nunes, então directora do Agrupamento de Centros de Saúde do Nordeste, para despertar médicos e enfermeiros. Quis fazer rastreio nas grávidas. E essa ideia, como outras que ela teve, está a ser replicada noutros distritos. A Teresa ia sempre à frente, a abrir caminho. Era isso que mais se ouvia segunda-feira na casa que a viu nascer. O caixão estava fechado. “Tinha um elevadíssimo nível de dignidade”, como não se cansa de recordar António Rocha, o companheiro de muitos anos que com ela se casou há meses numa enfermaria do Hospital S. João. Não gostaria que a vissem inerte. Preferia que olhassem para uma fotografia dela - saudável, enérgica, sorridente. Como sempre foi.



Pós Cavaco Silva a olhar para silhuetas representativas das mulheres e crianças mortas



## "Insultava-me e depois agredia-me." Violência doméstica está a aumentar

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 29-09-2011  
Melo: Rádio Sim.pt  
URL: [http://radiosim.sapo.pt/informacao\\_detall.aspx?ContentId=32596&AreaId=1&pagina=7&pagina=1](http://radiosim.sapo.pt/informacao_detall.aspx?ContentId=32596&AreaId=1&pagina=7&pagina=1)

29-09-2011 13:16

Sobreviveu a uma bala e pediu ajuda muito tarde, como a maioria das mulheres vítimas de violência doméstica. É um dos milhares de casos denunciados, todos os anos, em Portugal.

Desde Janeiro, morreram em Portugal, pelo menos, 15 vítimas de violência doméstica. Em 2010, a PSP deteve 82 agressores em mais de 18 mil ocorrências e o número de denúncias continua a aumentar.

Apesar de ser classificado como "crime público", a violência doméstica é de difícil combate. Um velho aforismo popular ainda pontua: "Entre marido e mulher, ninguém mete a colher". E as forças policiais não podem fazer muito: "Se não testemunharmos a agressão, não podemos fazer nada. Só comunicamos", revela à Renascença um agente. A não ser que a vítima esteja tão mal que tenha de ser conduzida ao hospital.

Mas também é frequente a vítima recuar e negar a acusação que ela própria tinha feito.

"Mesmo amando-o muito, aquilo não era para mim", diz Miriam (nome fictício). "Insultava-me e depois agredia-me", conta, adiantando que o medo a impediu de sair logo de casa. Um dia, foi surpreendida com uma bala.

A maioria das mulheres vítimas de violência doméstica pede ajuda muito tarde.

"Normalmente, quando pede ajuda, é porque a situação chegou a um fim de linha. Umas vezes, fazem a denúncia porque os filhos também começaram a ser agredidos ou, então, porque o grau de violência já é de tal forma severo que a vítima começa a achar que as ameaças de morte são reais", afirma à Renascença a assessora técnica de um gabinete de apoio à vítima Marlene Fonseca.

Mas nem só as mulheres são alvo de violência doméstica - 14% das vítimas são homens, que, quando procuram ajuda, fazem-no com muita vergonha. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

(APAVT), os casos prendem-se, sobretudo, com agressões emocionais.